O mundo **pós-americano**

A ASCENSÃO DO RESTO ESTÁ ENTRE OS TEMAS PREFERIDOS DO EXPERT EM POLÍTICA EXTERIOR FAREED ZAKARIA. EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, ELE AFIRMA QUE ESTA DÉCADA NÃO SERÁ COMO PREVISTO E QUE A AMÉRICA LATINA PODE SER A PRÓXIMA ÁSIA

O que ocorreu no cenário global no início deste século, segundo Fareed Zakaria, jornalista especializadoemrelações internacionais, foi algo diferente do que se esperava. As pessoas anunciavam a emergência da Ásia em geral -e da China em particular-, mas o que se passou foi muito maior. "O crescimento foi produzido em todos os lados, incluindo a América Latina", afirmou Zakaria em entrevista exclusiva a **HSM Management** em Nova York, no final de 2012. "Você duvida? Na década de 1970, essa era uma região de ditaduras e economias desastrosas. Por toda parte havia hiperinflação, caos, confusão. Quando veio o ano 2000, os países latino-americanos haviam se democratizado e tinham sanado sua economia. Seu crescimento era acentuado", recorda ele, que ainda observa: "Neste momento, 33 países crescem na África à taxa superior a 3% ao ano".

O que está acontecendo hoje é o que Zakaria, que foi editor da revista *Newsweek International,* é colunista da *Time* e apresentador do programa *Fareed Zakaria GPS,* da CNN, denomina "a ascensão do resto". O resto "é o que está fora dos confins do Atlântico Norte e de alguns poucos territórios do Sudeste Asiático. Países de outras partes do mundo estão crescendo, e de maneira sustentável, porque compreenderam a fórmula secreta do sucesso econômico, queconsisteem respeitar alguns princípios básicos do livre comércio e do capitalismo". O resultado foi uma total transformação do mapa internacional. O jornalista garante: "Logo virá uma situação muito diferente da que vimos nos últimos 300 anos, quando somente o Ocidente dominava". No entanto, ele também adverte: "O crescimento não será harmonioso em toda parte. Na Ásia, por exemplo, o processo nem sempre será fácil".

CONVULSÃO NO ORIENTE?

Nascido em Mumbai, na Índia, de onde partiu aos 18 anos para estudar ciências políticas na Harvard University, Zakaria esboça um sorriso largo quando alguém fala da Ásia como um bloco. "A Ásia é uma ideia ocidental, uma construção geográfica do Ocidente", declara. "Como região homogênea, ela não existe. Tailândia e Paquistão são países que nada têm em comum. China, Índia e Japão não se dão bem."

Segundo ele, no crescimento desses países ainda veremos muita tensão e rivalidade. "Haverá conflito político, e esperamos que não se traduza em conflito militar?'

Zakaria menciona especificamente o caso das ilhas Senkaku, um pequeno arquipélago no Leste Asiático sobre o qual tanto o Japão como a China reclamam soberania. "A situação pode agravar-se. A relação entre Japão e China é muito tensa. Essas nações têm uma história de enfrentamentos. A invasão japonesa na China foi selvagem e os chineses não a esqueceram."

O perigo, porém, não termina aí. "O mesmo se dá entre chineses e indianos. O risco ali é menor, menos imediato, porque não existe tanto contato entre eles. A cadeia do Himalaia, muito alta, separa chineses de indianos. Mas há muita tensão na relação."

FREIOS NACHINA ENA ÍNDIA

"Aqueles que esperam que a China entre em colapso se enganam. Os chineses são muito orgulhosos e estão bastante entusiasmados com o que

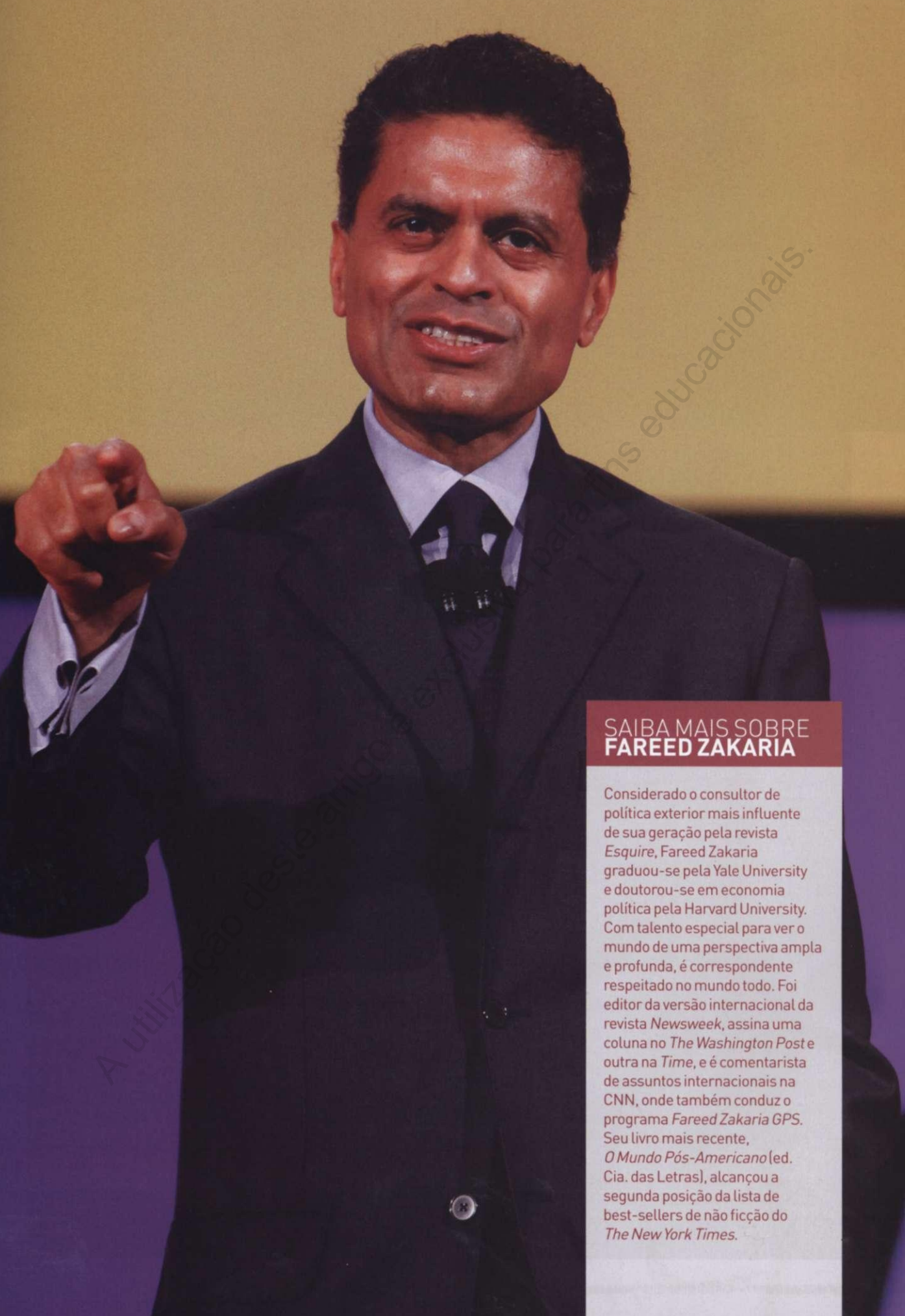
SINOPSE

- **Tendo compreendido que o capitalismo deve ser respeitado, países em desenvolvimento tiveram crescimento acentuado desde o ano 2000, mas seu sucesso pode não ser acompanhado de paz.**
- **China e Estados Unidos concorrerão pacificamente nas ciências e no comércio ou entrarão em uma guerra fria –se esta ocorrer, polarizará um mundo que requer cooperação.**
- **Enquanto a Ásia desacelera, a América Latina ascende. Brasil e México, com 315 milhões de pessoas, serão os protagonistas da região –e também do mundo– nesta década.**

A entrevista, editada como texto corrido, é de Viviana Alonso, colaboradora de HSM MANAGEMENT.

Fotos: HSM Group

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais



SAIBA MAIS SOBRE **FAREED ZAKARIA**

Considerado o consultor de política exterior mais influente de sua geração pela revista *Esquire*, Fareed Zakaria graduou-se pela Yale University e doutorou-se em economia política pela Harvard University. Com talento especial para ver o mundo de uma perspectiva ampla e profunda, é correspondente respeitado no mundo todo. Foi editor da versão internacional da revista *Newsweek*, assina uma coluna no *The Washington Post* e outra na *Time*, e é comentarista de assuntos internacionais na CNN, onde também conduz o programa *Fareed Zakaria GPS*. Seu livro mais recente, *O Mundo Pós-Americano* (ed. Cia. das Letras), alcançou a segunda posição da lista de best-sellers de não ficção do *The New York Times*.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.

A DÉCADA DE OURO DA AMÉRICA LATINA

Nesta entrevista exclusiva a **HSM Management**, o especialista Fareed Zakaria debruçou-se sobre a América Latina, região que conta com suas melhores expectativas para os próximos anos.

Como o sr. vê a América Latina no contexto global?
É uma região onde as coisas estão sendo feitas de uma forma muito melhor do que as pessoas pensam.

Os problemas históricos da região foram solucionados?
Ainda não, mas os países estão tomando consciência deles e parecem determinados a fazer algo a esse respeito. O que me surpreende na região é que alguém vá ao Brasil, por exemplo, faça uma reunião com o prefeito de São Paulo e descubra que ele está decidido a mudar a cidade, a reformá-la, a melhorá-la. Não importa o partido político que esteja no poder. Pode ser alguém de direita ou de esquerda, tanto faz. Todos seguem adiante.

Claro que as coisas sofrem atrasos, porque se trata de processos democráticos e, na democracia, há lentidão –isso é esperado–, mas tanto o Brasil como o México e o Chile estão olhando para frente.

O sr. acredita que todos os países da região apontam na mesma direção?
Nem todos. Questiono se alguns deles caminham no rumo certo ou até mesmo se estão se movendo para algum lado ou permanecem parados, como Bolívia, Equador, Cuba... Mas, em geral, a maioria dos países latino-americanos está se reformando, e de maneira que realmente fará diferença.

Que vantagens a América Latina tem sobre outras regiões do globo neste momento?
Em primeiro lugar, faz parte do mercado de língua espanhola, que é enorme. Em segundo, está perto dos Estados Unidos, que é um mercado gigantesco, independentemente de qualquer crise. Em minha opinião, a América Latina pode ser a próxima Ásia.

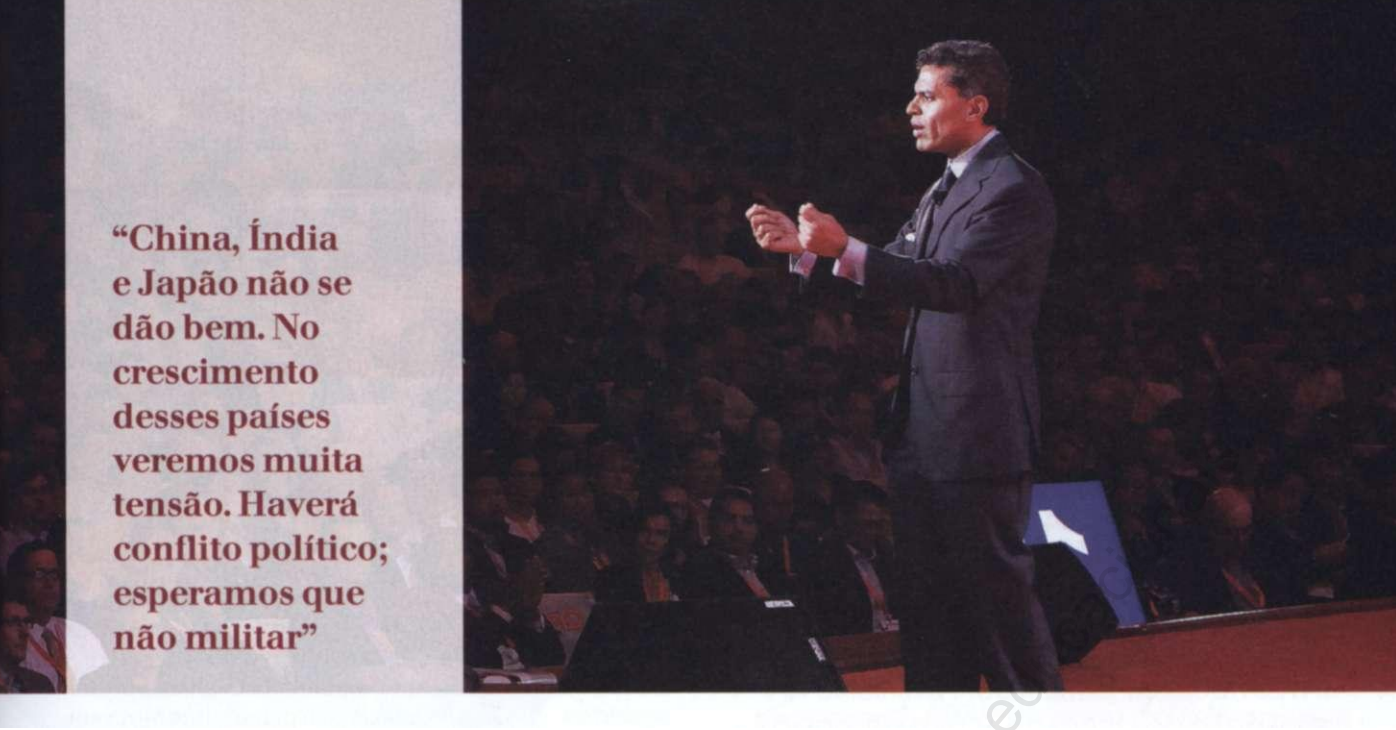
Quando isso poderia ocorrer?
Agora mesmo, nesta década.

Então, esta será a década de ouro da América Latina?
Exato. É nisso que creio. O crescimento na Ásia será desacelerado e o da América Latina se consolidará. Lembre que essa região nunca foi tão pobre como a Ásia e, portanto, os índices de crescimento nunca serão como os de lá.

Quais serão os protagonistas da América Latina?
Brasil e México. Ao analisar o mapa de uma região para saber onde estão os pontos fortes, é preciso observar a população, as pessoas. Na Ásia, os países de maior impacto são a China, com mais de 1,3 bilhão de habitantes, e a Índia, com aproximadamente 1,2 bilhão. Essas duas nações, sozinhas, reúnem 2,5 bilhões de pessoas. É um número muito grande. Qualquer indicador, por menor que seja, multiplicado por 2,5 bilhões, torna-se enorme. Esse também é o caso da Indonésia, que tem 250 milhões de habitantes e vem experimentando mudanças significativas. Ela tende a ser o país mais dominante na região do Pacífico.

Na América Latina, o Brasil possui quase 200 milhões de habitantes e o México, cerca de 115 milhões. São dois países que já têm forte impacto na região, e continuarão a ter.

Isso não significa que nações menos povoadas não possam ter força, como Cingapura, na Ásia, ou o Chile, na América do Sul. Sempre pode haver novos atores. Os mais importantes, porém, serão os de maior população, porque suas economias serão grandes, ainda que o PIB (Produto Interno Bruto) per capita seja baixo. Já é o caso da China, cuja renda per capita é apenas um quinto da norte-americana, mas seu impacto no mundo é enorme, porque estamos falando de mais de 1,3 bilhão de pessoas.


"China, Índia e Japão não se dão bem. No crescimento desses países veremos muita tensão. Haverá conflito político; esperamos que não militar"

têm conseguido, o que veem como um grande projeto nacional. Há uma energia enorme no país", ressalta Zakaria. O próprio sucesso econômico, entretanto, é o que levará a China a reduzir seu ritmo. "Haverá um freio, sim, porque tem de haver um freio", admite. "A China cresceu quase 10% ao ano durante 30 anos. Trata-se do crescimento mais acentuado de uma grande economia da história da humanidade. Quando a Grã-Bretanha se industrializou, cresceu 2,5% ao ano. Quando os Estados Unidos se industrializaram, cresceram 3% ao ano. A China cresceu cerca de 9,5% ao ano na maior parte dos últimos 30 anos. Esse ritmo não pode permanecer. A economia chinesa é muito maior agora e, assim, crescerá 6% ou 7% ao ano. Não será um colapso, mas um freio natural. Há dez anos, para crescer 10% em um ano, a China precisava gerar US$ 200 bilhões em novas atividades. Sua economia agora é três vezes maior, o que requereria a geração de US$ 600 bilhões, o que equivaleria a agregar à China a economia inteira da Arábia Saudita em cada ano. Isso é impossível."

Algo parecido se dará com a Índia, segundo o especialista, mas por razões distintas. "A China será freada por seu sucesso; a Índia, por seu fracasso", explica. "Befiro-me ao fracasso de seu governo em implementar políticas de abertura para os setores agropecuário e varejista e em investir em infraestrutura e educação. Não se pode crescer como se deve quando há uma estrada de apenas uma pista entre duas cidades, por onde circula enorme volume de tráfico. Não se pode exportar sem portos para receber grandes navios. A Índia enfrenta muitos desses gargalos e, por isso, já está desacelerando. Alguns desses problemas serão solucionados quando chegar a crise, porque ninguém muda quando as coisas vão bem. Mas a Índia é, em última instância, uma democracia caótica. Nunca terá o tipo de estrutura que tem a China, tampouco o ritmo de crescimento desta."

NOVA GUERRA FRIA?

Além da hipótese de conflito entre os países asiáticos em crescimento, Zakaria destaca outro perigo que vem levando a potência chinesa a tornar-se séria concorrente dos Estados Unidos: "Esperamos que seja uma concorrência pacífica -nas ciências, em educação, comércio, manufatura. Com boa administração e diplomacia saudável, a concorrência pode manter-se nesses termos de fato. Mas há o risco de que ecloda uma guerra fria entre essas potências, na qual o resto do mundo tenha de optar por um dos lados, o que criaria uma atmosfera global muito diferente da que temos experimentado nos últimos 25 anos".

Uma nova ordem, sem uma potência dominante, pode parecer justamente o que o mundo esperava. Zakaria, no entanto, recorda que nada chega sem cobrar um preço. "Muitos se queixavam da hegemonia dos Estados Unidos", declara, "mas isso teria o benefício do qual todos gozavam: quando havia algo a fazer, existia um líder, um organizador. Alguns se queixavam e pronunciavam inflamados discursos nas Nações Unidas. Porém, no fundo, estavam felizes por alguém fazer o que tinha de ser feito. Agora estamos em um mundo diferente. Os Estados Unidos já não parecem dispostos a cumprir esse papel, têm menos capacidade de desempenhá-lo, e os atores regionais não mais veem com bons olhos a interferência norte-americana em seus assuntos. Basta analisar a crise da economia europeia. É a primeira crise econômica, desde a quebra de 1929, em que os Estados Unidos não adotaram o papel de líderes na solução de problemas. Os europeus dizem: 'Temos dificuldades, mas não necessitamos de norte-americanos. Nós as resolveremos?

Criar políticas internacionais diferentes, que se ajustem ao novo paradigma, será, segundo Zakaria, o desafio dos próximos tempos. "Estamos adentrando um mundo de múltiplos atores", ressalta. "Os europeus querem solucionar sua situação dentro de sua esfera. Os chineses se tornaram mais orgulhosos, assim como os indianos, os brasileiros, os turcos e os indonésios. Não há um líder claro. Hoje, o sistema é global, verdadeiramente global, como nunca foi. As únicas coisas que o farão funcionar são cooperação, consultas mútuas e multilateralismo. Será difícil? Sim. Terá altos custos? Também. Afinal, mais de 200 países têm de entrar em acordo."

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Fonte: HSM Management, São Paulo, v. 2, ano 17, n. 97, p. 48-51, mar./ abr. 2013